

RECICLA

sociedade
ponto verde
NOV 2010 - JAN 2011
N.º 2 | TRIMESTRAL

Verdes e boas

12 ideias originais que
tornam o planeta mais sustentável

Desafio eco

Mesmo em fim de vida os
carros ainda têm muito valor



Luísa Schmidt

Eis a voz mais acutilante do país
no que toca ao ambiente

Solidariedade online

A INTERNET É UMA PODEROSA ARMA DE INTERVENÇÃO SOCIAL.
SIM, ESTAR ONLINE PODE MESMO MUDAR O MUNDO

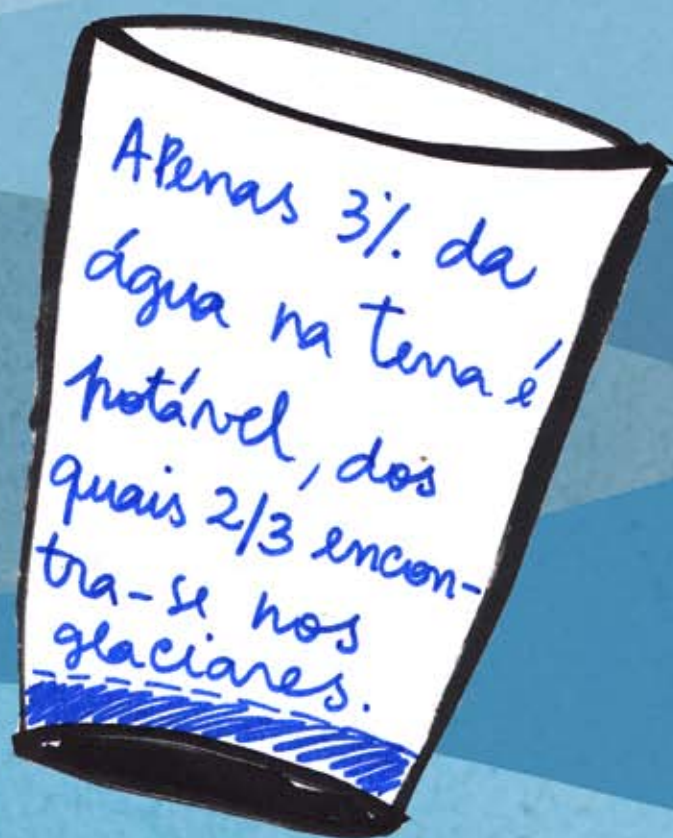
**eu quero ser
uma garrafa
de champanhe
francês**



Reciclar o vidro é dar uma nova vida às suas embalagens.

Sabia que o vidro reciclado não perde as suas qualidades? Hoje, com as suas garrafas e outras embalagens de vidro obtemos material para novas embalagens. Já para não falar na energia que se poupa. Quem diria que a garrafa de champanhe que ofereceu no último Natal pode ser a garrafa de vinho branco que tem agora no frigorífico? É verdade. E é tão simples: Você dá os frascos e garrafas vazias e todos ganhamos uma vida mais cheia. Obrigado por colocar todas as embalagens de vidro no Ecoponto Verde.





Em média um europeu gasta entre 140 a 200 litros de água por dia, enquanto nalgumas regiões de África não há mais do que 15 litros disponíveis por habitante. Por isso nunca é demais recordar que menos 1 minuto no banho economiza entre 3 a 6 litros de água. Ou que uma torneira a pingar pode desperdiçar 2.068 litros de água apenas num dia.

Fonte: World Wildlife Fund

A RECICLA
é impressa em
papel reciclado
e tintas
ecológicas

RECICLA

EDITORIAL

SOLIDARIEDADE EM REDE

Ao mesmo tempo que o mundo enfrenta a maior crise económica das últimas décadas, todos os dias surgem projectos inovadores na área da “economia fraternal” ou “economia solidária”, que encontraram na Internet o meio por excelência para se desenvolver. Exemplos não faltam. A enciclopédia virtual Wikipedia tem mais de 8.600 membros registados. A cada minuto são anexadas 13 horas de vídeos no Youtube. Há ainda um sem-fim de sites de troca de bens, como Really Really Free Market ou FreeCycle Network. O www.liftshare.com, que permite poupar 17 mil toneladas de CO₂ por ano, não é um programa estatal, mas um esquema discreto e voluntário de partilha de viagens de carro no Reino Unido. O www.kiva.org é uma espécie de Facebook da solidariedade, que já ajudou 200 mil pessoas em 48 países através de um sistema de microcrédito virtual. O www.girleffect.org é uma rede organizada pela Nike Foundation para financiar projectos de apoio a raparigas desfavorecidas no mundo. O www.fixmystreet.com permite novas formas de relacionamento dos cidadãos com a sua autarquia. O www.dothegreenthing.com fomenta a partilha de ideias simples para tornar o mundo mais sustentável, na lógica “small actions, lots of people, big change”. Nesta segunda edição da RECICLA publicamos 39 páginas de conteúdos sobre ambiente, sustentabilidade e uma cidadania mais interventiva. Impressas em papel reciclado e tintas ecológicas! R

SUMÁRIO

N.º 2 NOVEMBRO - JANEIRO 2011
www.pontoverde.pt

8 Reportagem

Navegar na web pode ser um acto cívico.
Há redes sociais que mudam o mundo

14 Atitude

Papel reciclado ou de pasta virgem?
Escolha de forma amiga do planeta.

18 Rosto

Há mais de 20 anos que a socióloga Luísa Schmidt bate-se pelo ambiente

24 Tendências Eco

Ideias há muitas e cada vez mais são verdes. Estilo e mínimo impacto

32 Pequenos Gestos

Heitor Lourenço é um vegetariano convicto. Pelo ambiente, e pelos animais

5 Ponto Verde

23 Planeta Verde

28 Eco Empreendedores

36 Lazer Sustentável

42 Sustentabilidade é



32



24



18



36

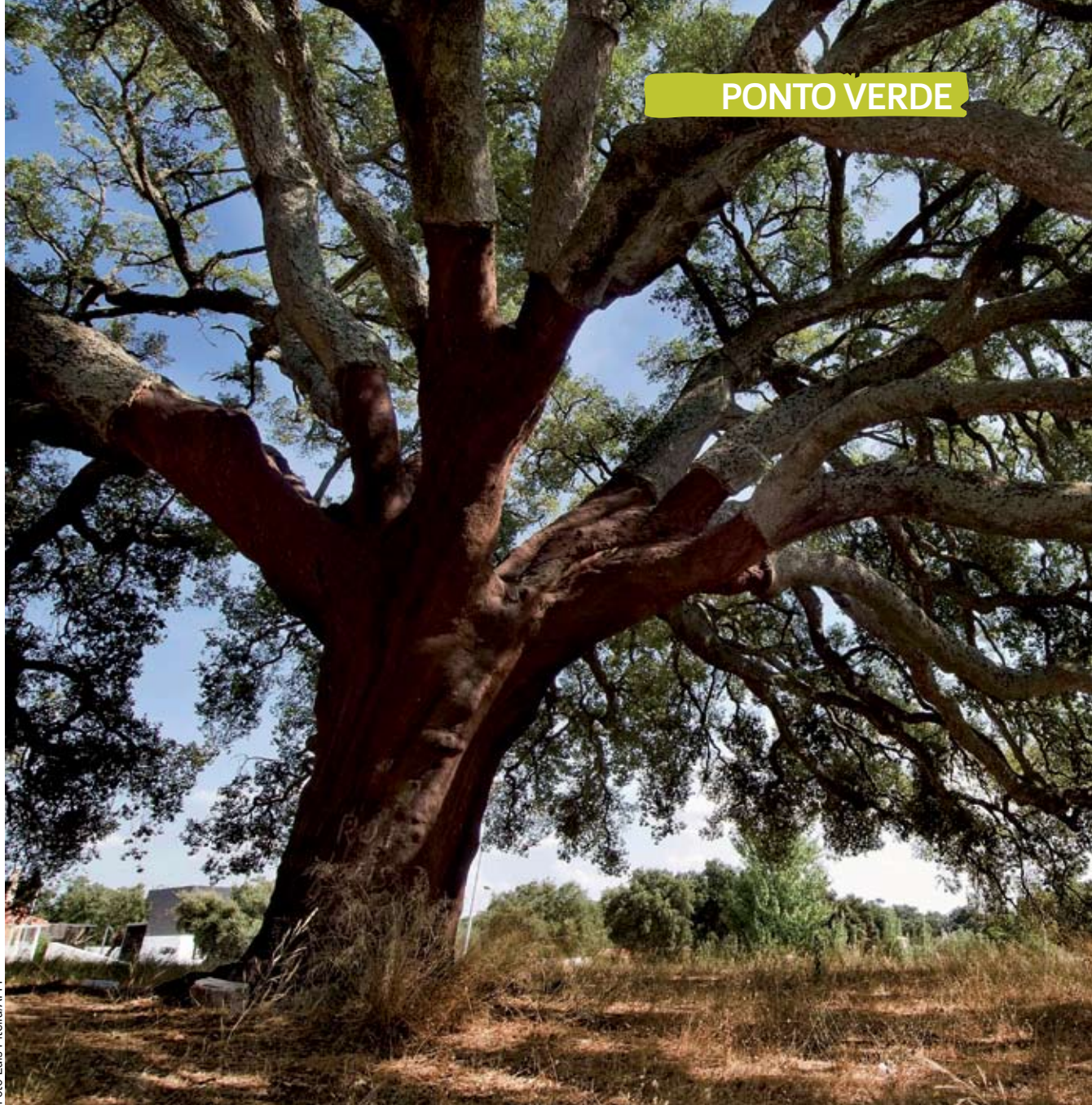
Recicla/Ficha Técnica

Propriedade: Sociedade Ponto Verde SA, Morada: Rua João Chagas, 53, 1.Dto, 1495-764 Cruz Quebrada, Dafundo, Tel: 210 102 400, Fax: 210 102 499, www.pontoverde.pt, recicla@pontoverde.pt, NIF: 503 794 040, Director: Mário Raposo, Directora-adjunta: Teresa Cortes

Edição: Have a Nice Day - Conteúdos Editoriais, Lda, www.haveaniceday.pt, info@haveaniceday.pt, Tel: 217 950 389 Directora: Ana Rita Ramos, Editora: Teresa Violante, Redacção: Ana Sofia Rodrigues, Miguel Amaral Monteiro, Sara Raquel Silva, Paginação: Ricardo Marques Alexandre, Fotografia: Agência Fotográfica Filipe Pombo, Corbis, Impressão: Lisgráfica - Impressão e Artes Gráfica SA, Tiragem: 60.000 exemplares, Depósito Legal: 215010/04, ICS: 124501 A RECICLA é impressa em papel reciclado com tintas ecológicas. Depois de a ler, dê-lhe um final ecológico: partilhe-a com um amigo ou coloque-a no ecoponto azul. ♻️

sociedade
pontoverde

have
a
nice
day



Sobreiro será a árvore de portugal

Os canadianos têm o bordo, os brasileiros o pau-brasil. E nós? Qual é a nossa árvore oficial? Até ao momento, nenhuma. Mas se depender da Associação Árvores de Portugal e da Associação Transumância e Natureza o título pertencerá ao sobreiro (*Quercus suber*). As duas associações uniram esforços para obter o

reconhecimento oficial desta espécie como Árvore Nacional de Portugal. Para já emitiram um comunicado no dia 30 de Outubro e divulgaram a iniciativa no Facebook. A ideia é sensibilizar o maior número de pessoas e recolher assinaturas suficientes para levar a proposta à Assembleia da República. Porquê?

“Há ainda um longo caminho a trilhar, junto das diversas instâncias da sociedade, para se conseguir uma sensibilização que conduza a uma efectiva preservação desta espécie e dos valores biológicos, paisagísticos, económicos e culturais associados à mesma”, esclarecem as duas associações em comunicado.

Novo acordo sobre biodiversidade

Em 2002, na Cimeira Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, na África do Sul, definiram-se metas para travar a perda de biodiversidade. Em 2010 as Nações Unidas reconheceram o fracasso das medidas adoptadas. Agora as atenções voltaram-se para a Conferência das Partes da Convenção sobre Biodiversidade das Nações Unidas (COP 10), realizada em Outubro em Nagoya, no Japão. Os 193 países participantes acordaram um plano de acção com 20 itens para preservar a biodiversidade. O maior objectivo é o aumento dos actuais 12% de área protegida terrestre para 17% até 2020. A superfície das áreas protegidas marinhas deverá crescer de 1% para 10%, em igual período. As partes também decidiram financiar a protecção da biodiversidade em países em desenvolvimento. Outra novidade foi a garantia de compensação financeira aos países cujos recursos genéticos são explorados por terceiros.



Este café produz arroz

Depois de alargar a rede de recolha de cápsulas inutilizadas a vários pontos do país, a Nespresso lançou um projecto de responsabilidade social. E conta com a colaboração de todos os consumidores do seu café: por cada 100 cápsulas recicladas a marca doa 1,5 Kg de arroz ao Banco Alimentar. Como? A borra de café retirada das cápsulas foi usada na adubação de arroz, processo que foi validado pelo laboratório

do Instituto Superior Técnico, em Lisboa. A borra não foi aplicada directamente na terra, mas antes integrada num composto que fertiliza dois hectares de terreno de cultura de arroz na Herdade Monte das Figueiras, em Grândola. Cerca de 7 toneladas de arroz produzido nesses lotes serão doadas ao Banco Alimentar, destinadas a quase 140 mil pessoas, tendo como base a proporção recomendada de 50 gramas de cereal por adulto. A política de reciclagem da Nespresso tem metas bem definidas até 2013: triplicar a capacidade de reciclagem de cápsulas a nível global, garantir que 80% do café será proveniente do Programa AAA Sustainable Quality, e reduzir em 20% a pegada de carbono por chávena.

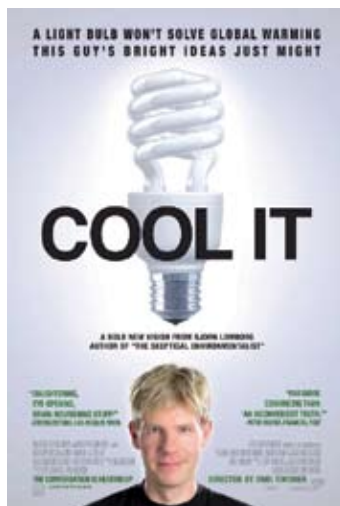


Concurso de curta-metragens para jovens

Já abriram as inscrições para o concurso “Curtas de Cinema Documental Jovem” promovido pelas ONG OIKOS – Cooperação e Desenvolvimento, e Cic-Bata (Espanha), com o apoio da União Europeia. A iniciativa distinguirá os melhores micro-filmes (realizados através de câmaras digitais, telemóveis, etc.) sobre os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio. A duração dos filmes deve ser inferior a três minutos. O concurso destina-se a estudantes do ensino básico e secundário, com idades entre os 12 e os 21 anos. O vencedor receberá 2.000 euros em material audiovisual. Também há prémios para o segundo e terceiro lugar, e para a escola do vencedor do concurso. Para se inscrever basta ir a www.curtas.oikos.pt e carregar directamente os filmes. O prazo termina a 31 de Janeiro.

Calma! nas salas de cinema

O dinamarquês Bjorn Lomborg – o ambientalista mais controverso do planeta – está de volta. As inúmeras conferências e os livros *O Ambientalista Céptico*, de 2001, e *Calma!* (em inglês, *Cool it!*), levaram a revista *Time* a considerá-lo como uma das 100 pessoas mais influentes do mundo, e o jornal britânico *The Guardian* como uma das 50 pessoas que podem salvar o planeta. O segundo livro originou agora um filme com o mesmo nome. A apresentação ocorreu no Festival de Cinema de Toronto e, até ao momento, já estreou nos Estados Unidos e Canadá. Lomborg contesta a eficácia da actual política das Nações Unidas contra as alterações climáticas. Ele argumenta que é possível fazer muito melhor com muito menos dinheiro, e defende a criação de um fundo de 100 mil milhões de dólares para investir na investigação e desenvolvimento de tecnologias capazes de travar o aquecimento global. “Al Gore alertou para o problema, agora vamos falar das soluções”, disse Lomborg à Agência Reuters.



Sim, é possível diminuir a pegada ecológica

Todos os dias Ema Magalhães publica no seu blogue mais uma dica que a ajuda (e aos seguidores na blogosfera) a diminuir o impacto da vida moderna no planeta. Inspirada pelo livro *50 coisas simples que você pode fazer para salvar a Terra*, de Vanessa Farquharson, Ema, instrutora de yoga, arregaçou as mangas e partiu à descoberta de soluções amigas do ambiente. “Percebi que podia fazer ainda mais, entusiasmei-me e decidi seguir-lhe o exemplo. Se ao meu empreendimento falta originalidade, sobra entusiasmo”, escreveu no blog. O resultado está à vista em <http://365coisasquepossofazer.blogspot.com>. Um rol de boas soluções, desde usar nozes de saponária para lavar a roupa a fazer as próprias máscaras faciais.

Reflorestar o Parque Natural de Sintra-Cascais

“Já plantámos 50 mil árvores. Agora é a sua vez” é o mote da terceira edição do projecto Oxigénio, organizado pela Cascais Natura. Aberto a todos os voluntários, procura reflorestar o Parque Natural de Sintra-Cascais com espécies autóctones, vitais para o equilíbrio dos ecossistemas. Para participar basta inscrever-se em www.cascaisnatura.org na secção “Envolve-se”. As acções decorrem duas vezes por mês, ao fim-de-semana. Só no ano passado mais de 4 mil voluntários dedicaram 4.370 horas do seu tempo em prol da natureza. O resultado foi a plantação de 22.540 árvores. Há ainda outras formas de envolvimento: apadrinhar ou dedicar a alguém uma sebe natural ou uma árvore, ou, para as empresas, cuidar, durante cinco anos, de um talhão do Parque – plantar, limpar, controlar a erosão e erradicar as espécies invasoras. A Semana da Floresta Autóctone, que decorreu de 20 a 28 de Novembro, assinalou o início da nova temporada do projecto Oxigénio.

BEM VIRTUAL

A INTERNET PODE AFASTAR-NOS DO CONTACTO REAL COM O OUTRO, MAS É TAMBÉM UMA FERRAMENTA PODEROSA NO COMBATE ÀS DESIGUALDADES SOCIAIS E AMEAÇAS AMBIENTAIS, ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS. SIM, ESTAR ONLINE PODE MUDAR O MUNDO.

Texto Sara Raquel Silva

Fotos Ceditas

Comprar, vender ou trocar produtos, partilhar contactos e experiências de trabalho, apresentar estratégias e oportunidades de negócio ou até lançar petições para impedir os touros de morte em Portugal ou ajudar doentes com leucemia e órfãos em países em vias de desenvolvimento. Estes são apenas alguns exemplos dos fins que se dão actualmente às redes sociais. Entre os países europeus, Portugal aparece em terceiro lugar quanto à sua utilização. A liderar a tabela está o Reino Unido e a Espanha, refere um relatório da comScore, empresa de pesquisa de mercado que fornece dados de marketing e serviços para negócios da Internet. A mesma fonte revela que no nosso país 72,9% dos utilizadores de Internet com mais de 15 anos e que acedem ao computador a partir de casa visitaram, em Dezembro de 2008, uma das redes sociais. O Hi5 foi

então o líder destacado ao ser responsável por 87% do tempo total dedicado a estas redes, mas os portugueses têm aderido a outras, como Twitter, MySpace e LinkedIn. Só o Facebook tem hoje mais de 2 milhões de utilizadores em Portugal. As redes consagradas à partilha de experiências pessoais e profissionais são as que prevalecem, mas as que se dedicam a causas sociais e ambientais têm vindo a ganhar maior número de adeptos. Afinal, o que custa ajudar o planeta com um clique?

MENINAS INSTRUÍDAS, UM MUNDO MELHOR

A Girl Effect www.girleffect.org, rede organizada pela Nike Foundation para financiar projectos de apoio a raparigas desfavorecidas (estimadas em 600 milhões em todo o mundo), aposta sobretudo na escolarização e implementação de pequenos negócios. Se-

gundo o World Bank, organização que presta apoio técnico e financeiro a países em vias de desenvolvimento, por cada ano escolar extra que frequente uma jovem pode ver o seu salário crescer entre 10% e 20%. E também terá melhores condições para cuidar dos seus filhos e familiares. Por outro lado, as mulheres são uma força económica por explorar. Excluí-las do mercado de trabalho implica enormes perdas para o PIB de qualquer país. A título de exemplo: o Quénia ganharia 27 mil milhões anualmente caso as suas estudantes concluíssem o secundário ou a universidade, e o Brasil perde 17,3 mil milhões por ano devido à taxa de desemprego entre as jovens, de acordo com dados disponíveis em www.girleffect.org. Como participar? Apoiando financeiramente a Girl Effect, divulgando vídeos, comunicados e campanhas do mesmo site através do Facebook, Twitter

Graças ao apoio
da Girl Effect,
a adolescente
Juthika explora
uma pequena
horta e uma
criação de patos no
Bangladesh





Sérgio Serra foi um dos dinamizadores do grupo de Lisboa do Freecycle, rede de partilha internacional que evita o desperdício

TODOS EM REDE COM TODOS. A WEB 2.0 PERMITE ORQUESTRAR A COLABORAÇÃO DE MILHARES DE PESSOAS EM PROJECTOS COMUNS

que já não nos serve ou solicitar aquilo de que mais necessitamos, evitando o desperdício e consumo desnecessário. Esta rede de partilha internacional não tem fins lucrativos e a inscrição online é gratuita. O Freecycle Network pretende apenas facilitar o tradicional sistema de trocas. A rede subdivide-se em pequenos clubes – mais de 4.500 em 85 países –, associados a cidades, pois a recolha e entrega dos bens é feita pessoalmente. Para evitar eventuais tentativas de comercialização de produtos, ou certificar a idoneidade das associações de apoio social participantes, por exemplo, cada grupo é moderado por voluntários que filtram, analisam e centralizam as mensagens, distribuindo-as pelas caixas postais electrónicas de todos os membros.

A rede foi criada em 2003 quando o norte-americano Deron Beal, que trabalhava como voluntário numa pequena organização de reciclagem, percebeu que inúmeros bens, ainda em boas condições, estavam condenados ao lixo. Começou a distribuí-los, de carrinha, pela população mais carenciada, mas a tarefa revelou-se dispendiosa e trabalhosa. Rapidamente encontrou uma forma mais fácil de o fazer: anunciando na Internet. Resultado? Hoje a rede envolve mais de 65 mil membros e estima-se que

e por e-mail, de forma a sensibilizar potenciais financiadores. Muitas vidas já mudaram graças ao apoio Girl Effect. Juthika, do Bangladesh, cria patos e borda lenços, o que lhe permite financiar os seus estudos e os do irmão; a indiana Anita Kumari iniciou o seu negócio aos 10 anos como apicultora, nunca desistiu da escola, fez greve de fome

para escapar a um casamento prematuro e hoje dá formação a outras meninas; enquanto que a queniana Stephanie, após ter sido violada e ter engravidado, apoia jovens com experiências idênticas.

PARTILHAR É RECICLAR

O Freecycle Network ([www.free cycle.org](http://www.freecycle.org)) permite oferecer o



A vida de Sophia Shum, do Camboja, melhorou graças ao Kiva. Ela é uma das 200 mil beneficiadas por esta rede de microcrédito

mantenha 500 toneladas de materiais por dia fora de aterros. Em Portugal já opera em 13 cidades e, só em Lisboa, conta com mais de 5.000 membros.

MICROCRÉDITO MUDA VIDAS

O www.kiva.org, classificado pela revista *Time* como um dos sites mais populares do momento, já ajudou cerca de 200.000 pessoas em 48 países a melhorar as condições de vida graças ao uso de apenas duas ferramentas: um computador e um cartão de crédito. O projecto é da responsabilidade dos norte-americanos Matt e Jessica Flannery que, interessados em desenvolver laços com o continente africano (Jessica trabalhou lá alguns meses), chegou às seguintes conclusões: no



chamado terceiro mundo os mais pobres têm forte espírito empreendedor e são excelentes pagadores no âmbito do microcrédito; as histórias de superação pessoal despertam o envolvimento de potenciais investidores; com recurso à Internet é possível multiplicar exponencialmente o número de financiadores individuais.

O Kiva é também popular porque

o seu *modus operandi* é muito simples. Tal como no Facebook, os empresários interessados em contrair empréstimo inscrevem o seu perfil na página da Internet, com fotos e dados pessoais, descrevem o seu negócio, a quantia que precisam para o concretizar e em quanto tempo a poderão pagar. Os potenciais financia-

dores escolhem os perfis que mais lhes agradam. Cada um pode emprestar o total pedido pelo empresário ou apenas uma parte (no mínimo 25 dólares), que será complementada por outros beneméritos. O dinheiro é inicialmente transferido para os fundos do Kiva que, por sua vez, o envia para uma instituição de microfinanças do país mutuário. No prazo estabelecido para



o pagamento do empréstimo os credores recebem o montante de volta, sem juros nem correcção monetária. Idealmente o financiador reempréstará o seu dinheiro após reembolso, gerando-se assim um círculo virtuoso.

SALVAR A FLORESTA É SALVAR O PLANETA

A Rainforest Action Network (<http://ran.org>), rede norte-americana fundada em 1985 para proteger as florestas tropicais, os seus habitantes e todos os ecossistemas ameaçados pela presença do Homem, organiza manifestações, invade conferências e embaraça grandes empresários em público – sem recurso à violência. É constituída por cerca de 40 activistas que até hoje já mobilizaram milhões de pessoas por todo o mundo e conseguiram retirar o direito de exploração de zonas florestais a grandes empresas.

Cooperam com especialistas na área do ambiente para encontrarem soluções alternativas a energias poluentes como carvão e petróleo, e mantêm diálogo estreito com os responsáveis das multinacionais mais poluentes. Através do site convidam as pessoas a envolverem-se na causa: salvar o planeta. Basta enviar um e-mail explicativo das acções que se pretendem desenvolver que

MUITO DO ACTIVISMO MODERNO PASSA PELA INTERNET, COM A ASSINATURA DE PETIÇÕES OU O APOIO A PROJECTOS SOCIAIS

os voluntários da Rainforest Action Network ajudam a procurar financiamento, organizar manifestações e mobilizar multidões.

O objectivo principal desta rede é favorecer a criação de grupos similares por todo o mundo, porque a pressão mediática funciona. Em 1987 boicotaram a cadeia Burger King, porque a carne que importava provinha de países tropicais, onde os pastos alastravam, provocando a desflorestação. Resultado: as vendas diminuíram 12% e a empresa cancelou um contrato de 35 milhões com a América Central, anunciando que deixaria de adquirir carne dessa região. Este ano a General Mills, que contribui para a matança de orangotangos e outras espécies devido à forma como explora a floresta para dela extrair óleo de palma, cedeu às pressões desta organização e comprometeu-se publicamente a obter o mesmo produto através de meios 100% sustentáveis. Tudo através do poder das redes sociais. **R**



eu quero ser
um jornal
de domingo



Reciclar as suas embalagens é dar-lhes uma nova vida.

Sabia que as fibras de papel das embalagens de cartão para bebidas podem ser recicladas até 7 vezes? Hoje, ao reciclarmos o seu cartão conseguimos material novo para livros, revistas, jornais, diversas embalagens e muito mais. Já para não falar na água e energia que se poupam pelo caminho. Quem diria que o pacote de leite que bebeu na semana passada pode ser o best seller que tem à cabeça?! É verdade. E é tão simples: você dá as embalagens de cartão que já não quer, espalmadas, e todos ganhamos uma vida mais confortável. Obrigado por colocar todas as embalagens de plástico, metal e embalagens de cartão para bebidas no Ecoponto Amarelo.





O BÊ-À-BÁ DO PAPEL

PARA IMPRESSÃO OU USO DOMÉSTICO, EM CARTÃO OU EM FOLHAS, O PAPEL NÃO É TODO IGUAL. E A FORMA COMO O TRATAMOS CONDICIONA A SUA RECICLAGEM. BEM-VINDO AO ADMIRÁVEL MUNDO DO PAPEL.

Texto Teresa Violante

Na era digital ainda há lugar de destaque para o papel: as bancas estão repletas de jornais e revistas, os livros electrónicos estão ainda a dar os primeiros passos, os apontamentos são tirados a caneta e registados em blocos, o e-mail não aniquilou a correspondência impressa. Há mesmo quem considere que o registo

em papel nunca desaparecerá – o prazer de sentir a textura das folhas tem adeptos ferrenhos. E o papel está em todo o lado, da conta do supermercado ao livro de estudo. Não admira, por isso, que em 2009 a Sociedade Ponto Verde (SPV) tenha recolhido mais de 286 mil toneladas de embalagens de papel. O ecoponto azul é inundado

diariamente por jornais da véspera, revistas lidas e relidas, caixas de bolachas, de cereais ou de ovos, envelopes de correspondência. Mas o que acontece depois?

PAPEL GERA PAPEL

A separação e o acondicionamento dos resíduos de papel em casa dita, em parte, o sucesso da reci-



ESCOLHAS AMIGAS DO AMBIENTE PASSAM POR PRIVILEGIAR A AQUISIÇÃO DE PAPEL RECICLADO, OU PAPEL VIRGEM DE ORIGEM CERTIFICADA

SABIA QUE:

... A FLORESTA PORTUGUESA OCUPA 38,4% DO TERRITÓRIO, OU SEJA, 3,4 MILHÕES DE HECTARES?

... QUASE 70% DAS EMBALAGENS DE PAPEL COLOCADAS NO MERCADO FORAM RECUPERADAS?

... PORTUGAL É O 4º MAIOR PRODUTOR EUROPEU DE PASTA E O 11º MAIOR PRODUTOR EUROPEU DE PAPEL E CARTÃO?

... A PRODUÇÃO NACIONAL DE PASTA VIRGEM CRESCEU 7,9% EM 2009?

BOLETIM ESTATÍSTICO INDÚSTRIA PAPELEIRA PORTUGUESA, 2009, CELPA

clagem. O contacto com gorduras ou matérias perigosas deve ser evitado para não comprometer a qualidade final do processo. Após colocação no ecoponto, os papéis são recolhidos pelos SMAUT – Sistemas Municipais e Autarquias.

Segue-se um processo de triagem, com a remoção de elementos contaminantes como agrafos, plástico, cordas e fios.

Quase todo o papel pode ganhar nova vida após ser utilizado. Cada vez mais há soluções que permitem o reaproveitamento das fibras. Por exemplo, hoje “já não há problema com o papel couché, que costumava dizer que é papel pedra, porque tem mais bicabornato de cálcio do que fibra”, explica João Lança Rodrigues, secretário-geral da Recipac, Associação Nacional de Recuperação e Reciclagem de Papel e Cartão. Quando o papel está livre de contaminantes é enfardado em lotes só de embala-

gens ou mistos (papel embalagem e não embalagem), e colocados em leilão. Por mês organizam-se cerca de 54 leilões electrónicos, coordenados pela SPV, nos quais participam retomadores e recicladores. Os primeiros são comerciantes que adquirem papel para o revender em lotes adequados às necessidades específicas dos clientes; os segundos são industriais que transformam o papel. Seja qual for o caso, nesta fase ocorre a valorização do papel usado.

Segue-se então o processo de reciclagem e a transformação que origina... mais papel. “Não é um fim inesgotável – de cada vez que sofre uma refinação há perda de fibras”, explica o responsável da Recipac. O processo não é infinito – o papel reciclado tem, no máximo, cinco ou seis ciclos de vida. “Mas não há um papel que se coloque na máquina e seja

Depois de colocado no ecoponto azul, o papel é recolhido, separado dos contaminantes, enfardado e leilado



todo rejeitado, que se desfaça em fios”, diz. Até porque mesmo o papel reciclado leva pasta virgem. Pode perder-se mais ou menos fibra, mas uma parte é sempre aproveitada. Diferentes tipos de papel têm perdas distintas. O papel impresso, ao qual depois é retirada a tinta, é dos que sofre maiores perdas – cerca de 30% –, por oposição ao cartão de embalagem, com quebras de 10% a 15%. É também preciso ter em conta a qualidade das máquinas utilizadas neste processo. “Em Portugal há máquinas com quase 100 anos

que devem ter perdas de 30% em papel de embalagem”, aponta João Lança Rodrigues.

RECICLADO VERSUS PAPEL VIRGEM

Na hora de escolher, qual o papel mais amigo do ambiente: reciclado ou de pasta virgem? A resposta não é simples. Reciclar é uma prática ambiental que deve ser incentivada. Ao fazê-lo, os recursos naturais são usados de forma mais eficiente – a mesma árvore origina várias gerações de papel. Mas a reciclagem tam-

bém implica consumo de água e energia, e uso de aditivos para branquear o papel. E mesmo que quisessemos, seria impossível usar apenas papel reciclado, segundo a European Recovered Paper Council, criada após a primeira declaração europeia sobre recuperação de papel, em 2000. Por um lado, 20% dos papéis não são recicláveis. Por outro, não seria economicamente viável nem correcto em termos ambientais recolher todo o papel, tal o volume de transporte que implicaria. Além disso, o papel não pode ser reciclado infinitamente e necessita de fluxo constante de fibra virgem para ter níveis de qualidade aceitável. Claro que a pasta virgem tem impacto ambiental considerável, ao exigir o corte de árvores, o recurso a energias fósseis e o consumo de água. Escolhas amigas do ambiente passam por adquirir papel reciclado e, quando for necessário adquirir papel 100% virgem, optar por marcas certificadas pela FSC (Forest Stewardship Council), que garante a boa gestão das florestas. Tudo bons papéis. E sem fundamentalismos. **R**

ROSTO



A escrita ainda é uma arma. Luísa Schmidt intervém de forma decisiva na sociedade através dos livros e dos artigos que escreve há 20 anos no jornal Expresso

Quem tem medo de Luísa Schmidt?

A SOCIÓLOGA LUÍSA SCHMIDT É A VOZ MAIS ACUTILANTE DO PAÍS NO QUE TOCA À DEFESA DO AMBIENTE. ELA É A PROVA DE QUE É POSSÍVEL FAZER A DIFERENÇA E CONSTRUIR UM FUTURO SUSTENTÁVEL.

Texto Miguel Amaral Monteiro

Fotos Filipe Pombo/AFFP

Sem papas na língua, e com a força de argumentos irreprensíveis, a socióloga Luísa Schmidt bate-se há mais de 20 anos por causas sociais e ambientais. Para tal, desdobra-se em palcos de batalha. Ela mantém há duas décadas uma coluna de opinião no semanário *Expresso*, é membro do Conselho Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento Sustentável (CNADS), fundou o OBSERVA (observatório de ambiente, sociedade e opinião pública), realizou documentários para a televisão e publicou vários livros. O país agradece.

O que significa para si ter recebido em Novembro passado o Prémio Quercus, que distingue entidades, empresas ou cidadãos que se tenham evidenciado na defesa do ambiente ou do desenvolvimento sustentável?

É uma grande honra e um estímulo para continuar. Tanto mais que coincidiu com as comemorações dos 25 anos da Quercus, e que o

partilhei com o Carlos Pimenta, que teve uma acção crucial neste país durante o pouco tempo em que esteve no Governo. Ele mostrou que é possível agir de forma diferente e colocar o Ambiente no centro da acção política como tema mobilizador. A Quercus, através da sua capacidade pedagógica e de intervenção, também conseguiu pôr na agenda e projectar os problemas ambientais de maneira ímpar. E é difícil ser ambientalista neste país. Os cidadãos, os políticos e as empresas confundem a defesa do bem comum com ataque pessoal. Lá fora é diferente. Por exemplo, na Holanda mais de 50% da população pertence a uma organização não governamental de ambiente.

Vários artigos descrevem-na como sendo “destemida”. É este o adjetivo que melhor a caracteriza?

Julgo que não. Nesta

área afrontamos o poder político e o económico. Em Portugal não há tradição de escrever livremente e com independência. Claro que, como toda a gente, tenho medo – não sou inconsciente ou irresponsável. Mas nunca tive processos em tribunal porque fundamento muito bem tudo o que escrevo, para não afectar imerecidamente as pessoas. Devemos perseguir causas, não indivíduos.

Já sofreu pressões antes ou depois de publicar um artigo?

O *Expresso* sempre me deu grande margem de liberdade. Pode ter havido um ou dois episódios (com pessoas que já não estão lá) por determinado artigo estar muito

forte, mas foram publicados sem alterações. Agora, não podemos ser ingénuos e pensar que quem trabalha num jornal não sofre pressões. A questão é: se não tivermos uma

“CERTAS PESSOAS, PRINCIPALMENTE RESPONSÁVEIS POLÍTICOS, DEIXARAM DE FALAR COMIGO”

arma apontada à cabeça, escrevemos. Se estivermos a ser ameaçados temos de denunciar a pressão. O que já aconteceu foi que certas pessoas, principalmente políticos, deixaram de falar comigo.

Como surgiu o seu interesse pelos temas ambientais?

Nos anos 80 Portugal entrou na economia de mercado. Fiz a tese de mestrado sobre a maneira como os jovens aderiram ao consumo. Em 1986 iniciei uma crónica sobre defesa do consumidor no *Expresso*. O ambiente era o reverso da sociedade de consumo. De repente, surgiram em Portugal problemas ambientais de forma muito evidente. Os fundos europeus originaram enorme *boom* em infra-estruturas. Mas não houve respeito pelo ambiente. A adesão à CEE trouxe legislação ambiental, Carlos Pimenta criou a Lei de Base do Ambiente, mas existia um *gap* entre a lei e a sua aplicação. A falta de fiscalização e ausência de políticas de ordenamento do território levaram ao aparecimento de externalidades ambientais. As fábricas e as habitações que surgiram um pouco por todo o lado poluíram rios e originaram lixeiras. Foi então que me interessei pela Sociologia do Ambiente. Em 1990 a minha crónica passou a chamar-se “Qualidade Devida”. Numa semana abordava problemas do consumo e na seguinte questões ambientais.

Segundo um estudo do OBSERVA, os portugueses são dos europeus menos informados em questões ambientais. Porquê?

Uma das razões é a iliteracia que é superior em Portugal quando comparada com outros países europeus. Durante o regime ditatorial não se investiu seriamente na edu-

cação – aliás, ainda não se investe. Outra é o modelo de crescimento. Fomos uma sociedade ruralista até muito tarde. Nos anos 60 a industrialização já ocorrera nos outros países, e eles já lidavam com problemas ambientais. Em Portugal os grandes pólos industriais apenas surgiram nos anos 80, e é nessa altura que surgem problemas ambientais de forma mais evidente,



“SER AMBIENTALISTA NESTE PAÍS É DIFÍCIL. OS CIDADÃOS, OS POLÍTICOS E AS EMPRESAS CONFUNDEM A DEFESA DO BEM COMUM COM ATAQUE PESSOAL”

nomeadamente aquele que mais preocupa a população, que é a qualidade da água. Mas não havia uma classe média que se fizesse ouvir. Os governos democráticos também não investiram na divulgação do património natural e nas vantagens de habitar numa área protegida.

Nos anos 90 os partidos ecologistas cresceram na Europa, mas

não em Portugal. Por outro lado, os cientistas também não comunicavam os resultados dos seus estudos. Estes factores também contribuíram para a falta de informação dos portugueses?

Sim. As universidades cresceram em torres de marfim e durante muitos anos não partilharam o saber com a população. Hoje têm de divulgar os resultados das suas investigações. A questão do partido político é grave e tem enorme importância na falta de visibilidade do Ambiente. O Partido Ecologista Os Verdes é um equívoco. Foi fundado em 1982, no mesmo ano do partido ecologista alemão, só que é um anexo do Partido Comunista. A sua existência hipotecou a possibilidade de, nos anos 90, nascer um verdadeiro partido ecologista, forte, independente, capaz de mobilizar a juventude e pessoas de origens políticas diferentes.

Que estudo do OBSERVA teve mais impacto nos governantes e na opinião pública?

Os inquéritos à população foram interessantes porque mostraram a falta de conhecimento sobre matérias ambientais. Mas também revelaram o desejo de saber e simpatia por estas questões, e mostraram os principais problemas que as pessoas identificavam: poluição dos rios e incêndios. A opinião pública tem noção muito clara da afectação e da injustiça ambiental. Por isso é que o ambiente é mobilizador. José Sócrates começou a existir politicamente como ministro do Ambiente. Ele usou as questões ambientais para se projectar quando encerrou lixeiras e se opôs a dois ou três projectos ambientais. Achámos que o interesse dele pelo ambiente podia ser genuíno, mas quando chegou a Primeiro-Ministro não lhe

A socióloga
lamenta que não
haja em Portugal
um “verdadeiro”
partido ecologista

pegou – pelo contrário. Os políticos e os *media* não percebem quão preocupadas as pessoas estão com o ambiente.

Qual é a principal causa de insustentabilidade no país?

A falta de ordenamento do território é crucial porque está associada à metropolização e à rodoviarização. Esta tríade resulta da maneira como deixámos crescer as duas grandes cidades e levou a que ficássemos dependentes do automóvel para nos deslocarmos. As contas estão feitas: o tempo e a energia gasta nas filas de trânsito equivalem a 2% do PIB. Houve enorme desequilíbrio entre o que se investiu em estradas e o que se investiu no tecido ferroviário. O país não será eficiente, nem do ponto de vista energético nem laboral, enquanto não tiver uma rede eficaz de transportes urbanos.

Nos artigos que escreve no *Expresso* inclui sempre uma boa notícia. É difícil encontrar exemplos de sustentabilidade no país?

Pelo contrário. Há imensos projectos interessantes – por exemplo, na serra de Montemuro há uma empresa que produz um chá extraordinário e exporta-o para todo o mundo – mas não aparecem nos *media* e não estão interligados. A agricultura biológica é um caso de sucesso e é um mercado em expansão, apesar da total falta de apoio oficial, ao contrário do que acontece noutros países. O sector dos resíduos e das energias renováveis – sobretudo a solar, a eólica e a geotérmica – são exemplos a seguir. E houve investimento sério na investigação científica, o que inclui a área ambiental.

Se fosse Ministra do Ambiente



quais seriam as suas prioridades?

É muito importante transversalizar o Ambiente a outros ministérios, como prevê a Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável. Não se pode tratar o problema da mobilidade sem o contributo do Ministério das Finanças e do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações. A par disso, elegeria cinco temas fundamentais que mobilizassem a opinião pú-

blica. Um deles seria a devolução dos rios às populações. Este é um aspecto fundamental da sustentabilidade. Tecnicamente é possível e há fundos comunitários para fazê-lo. As autoridades inglesas até receberam um prémio por limpar o Tamisa, que era um rio nojento. Em Copenhaga e Estocolmo já se toma banho e bebe-se água em rios que estavam poluídos com metais pesados. Só não fazemos o mesmo



em Portugal por falta de vontade política e de envolvimento das populações. Depois, investiria na multiplicação da iniciativa “Limpar Portugal”, que foi mobilizadora e teve impacto imediato. A degradação do espaço público e a maneira como as pessoas se sentem enxovalhadas por esse abandalhamento é tremenda para a vida cívica e para o bem-estar social. Em terceiro, empenhar-me-ia em assuntos constantemente adiados, como a alteração da Lei dos Solos. Quarto,

“A ÚLTIMA REFORMA DAS ÁREAS PROTEGIDAS FOI ABSOLUTAMENTE NEFASTA. A VERDADE É QUE ESTÃO MAIS DESPROTEGIDAS DO QUE HÁ DOIS ANOS”

daria mais importância às juntas de freguesia e às autarquias, que são as entidades políticas mais próximas das pessoas. Finalmente, envolveria os habitantes das áreas

“O país não será eficiente, nem do ponto de vista energético nem laboral, enquanto não tiver uma rede eficaz de transportes públicos urbanos”, alerta Luísa Schmidt

protegidas no planeamento da sua gestão.

Que balanço faz do Ano Internacional da Biodiversidade em Portugal?

O balanço é negativo. As efemérides são sempre importantes para chamar a atenção para determinados problemas. Em Portugal fizeram-se alguns estudos, avançou-se em termos teóricos na matéria da valorização da biodiversidade. No entanto, e na prática, o que aconteceu às áreas protegidas é deprimente. A última reforma foi absolutamente nefasta. A verdade é que estão mais desprotegidas do que há dois anos: têm menos técnicos no terreno, menos capacidade económica, menos visibilidade e estão mais degradadas.

Denuncia e apresenta soluções para inúmeros problemas ambientais, mas muitos deles teimam em persistir. Sente-se frustrada? Como é que se mantém motivada para intervir?

A Sociologia do Ambiente é uma matéria apaixonante. Quanto mais sabemos, mais queremos saber. E é uma área nova – ao contrário de sectores muito estruturados e pesados como a Saúde ou a Educação – na qual podemos agir e influenciar decisões. Por vezes são coisas pequenas, mas sentimos que algo está a mudar. Os artigos no jornal permitem-me ajudar outros e criar sinergias para que as coisas se alterem, o que é compensatório. Por isso estou optimista. Se calhar é por ter tendência a acordar bem-disposta. **R**

FELIZ (ECO) NATAL



ÉPOCA DE FESTA, A QUADRA NATALÍCIA É TAMBÉM ALTURA DE DESPERDÍCIO E CONSUMO EXCESSIVO DE RECURSOS NATURAIS. SAIBA COMO TORNÁ-LA MAIS AMIGA DO AMBIENTE.

Texto Ana Sofia Rodrigues

Foto Corbis



1 – Querido(a), enfeitei a casa

As ruas já estão decoradas desde Outubro, mas é agora que o Natal entra em sua casa. Não compre novos enfeites e decore a casa e a árvore de Natal com materiais feitos em família. Aproveite embalagens de iogurte, recortes de postais de Natal antigos, faça figuras em origami, etc. A Internet está cheia de boas ideias. E não se esqueça de apagar as luzes da árvore durante a noite.

2 – Fui eu que fiz!

Poupe dinheiro e dê largas à criatividade. Exemplos? Com-pota caseira com uma foto da sua família no rótulo, colares e outras bijutarias que saiba fazer, marcadores de livros com desenhos dos seus filhos, um CD com as suas músicas preferidas, um filme com fotos e pequenos textos de amizade. Quem receber, vai adorar.

3 – Compras com sentido

Quando tiver mesmo de comprar presentes, ofereça experiências que contribuam para um mundo melhor: aulas de jardinagem, assinatura de uma revista com temas

ambientais, apadri-nhamento de um animal abandonado. Escolha também locais como lojas do comércio justo, arte-sanato local ou vendas de Natal a favor de institui-ções de solidariedade. Planeje com antecedência para evitar excessos e não deixe as compras para os últimos dias.

4 – Mãos ao papel

Evite as filas intermináveis para os embrulhos e seja original. Aproveite jornais, revistas e catálogos que tenha em casa. Pense na pessoa a quem vai oferecer e escolha de acordo com os seus gostos. Para uma sobrinha que adore moda, que tal um anúncio a roupa? Para um irmão fanático por futebol, porque não a página de um jornal desportivo? Ou use folhas brancas e peça aos seus filhos que façam de artistas.

5 – À mesa

Prefira produtos biológicos e sazonais e opte pelo mercado local. Não use toalha, copos ou talheres descartáveis. Tire da gaveta aqueles guardanapos de pano que já não usa há anos. E não se esqueça: para fazer uma refeição festiva não precisa de desperdiçar; não cozinhe para 20, se apenas tem 10 pessoas em casa.

6 – Pós-Natal

Aproveite as sobras da ceia de Natal para refeições seguin-tes e convide os amigos. Lembre-se das receitas das avós e faça empadões, tartes, saladas ricas ou omeletas. O que não aproveitar ofereça a uma instituição de apoio social. Guarde os laços e papel de embrulho para usar noutras ocasiões. Separe as embalagens e coloque-as no ecoponto mais perto. **R**

Fonte: GAIA – Grupo de Acção e Intervenção Ambiental

VERDES E BOAS

IDEIAS HÁ MUITAS, E CADA VEZ COM MAIS PREOCUPAÇÕES AMBIENTAIS. CONHEÇA 12 PROJECTOS EFICIENTES, ORIGINAIS E ECOLÓGICOS. MAIS OU MENOS INUSITADOS, TODOS SÃO BONS EXEMPLOS DA CRIATIVIDADE SUSTENTÁVEL.

Texto Teresa Violante



Impressão a café

Os cartuchos de tinta para a impressora são caros. E nefastos para o ambiente. Foi a pensar nisso que Jeon Hwan Ju substituiu a tinta por borras de café ou chá. A técnica é simples: colocam-se as borras no cartucho, no cimo da impressora, introduz-se o papel e move-se o cartucho da esquerda para a direita. As borras imprimem no papel como se fosse tinta. Quando a impressão terminar basta retirar a folha e o cartucho, lavando-o de seguida. A impressora tem ligação USB e não usa energia eléctrica. Esta invenção foi um dos projectos a concurso no Greener Gadgets Design Competition, organizado pela revista nova-iorquina de design Core 77.

Energia sempre à mão

Com estes pequenos gadgets da Hy mini nunca ficará sem bateria no telemóvel ou carga no leitor de mp3, por exemplo. Portáteis e fáceis de usar, recuperam energia solar e eólica. E podem ser usados em qualquer lugar, até quando caminha ou anda de bicicleta. À venda em Portugal através da Bio Future House (www.biofuturehouse.com).





Relva no telhado

Os alicerces de um edifício são vitais, mas o telhado também pode fazer a diferença. Pelo menos se for ajardinado, como o da Escola de Arte, Design e Comunicação da Universidade Tecnológica de Nanyang, na Singapura. Desenhado por CPG Consultants, reforça as preocupações ecológicas que nortearam a construção da Universidade. E assim a estrutura está tão inserida na paisagem que quase desaparece. Existe desde 2006, mas continua um dos mais emblemáticos telhados com relva.

Pasta solar

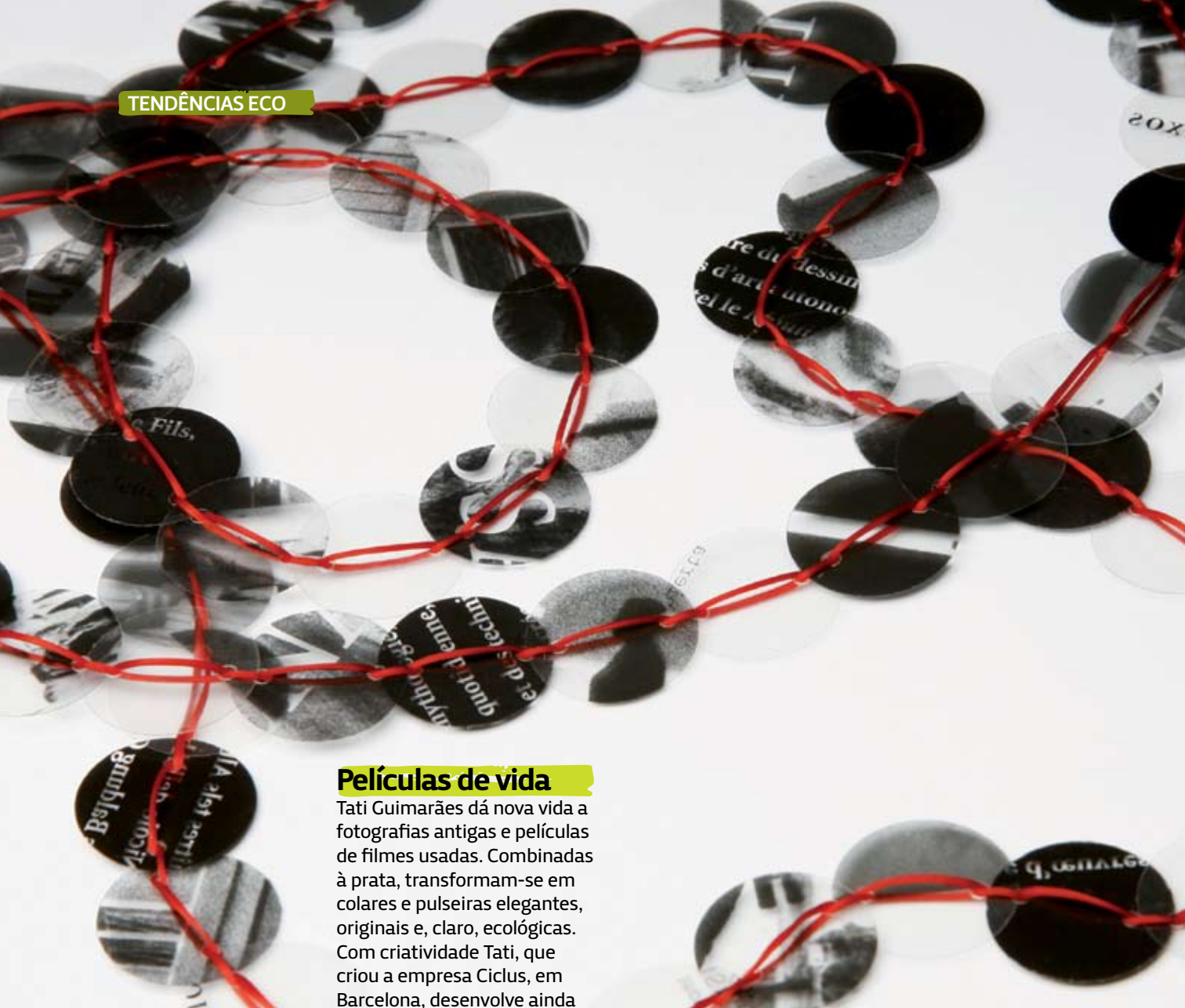
Quando expostas ao sol as pastas para portáteis e mochilas Voltaic Systems acumulam energia, que armazenam numa bateria de lítio. Depois, é só usar. Os modelos incluem adaptadores diversos, incluindo para o carro, e porta USB. Energia sempre à mão para carregar telemóveis, câmaras e outros equipamentos electrónicos. Disponível em Portugal através da Bio Future House (www.biofuturehouse.com).

Sem agrafos

Não há escritório sem agrafadores – por muito tecnológico que seja, é quase impossível abdicar desse instrumento. Mas já pode agrafar sem agrafos. Em vez da tira de metal, o novo modelo recorta pequenas tiras de papel capazes de agrupar até cinco folhas. A mesma eficácia, mas com menor impacto. Disponível em www.irritante.pt.



John Eco
116 Forrest Drive
Green Town 308076



Películas de vida

Tati Guimarães dá nova vida a fotografias antigas e películas de filmes usadas. Combinadas à prata, transformam-se em colares e pulseiras elegantes, originais e, claro, ecológicas. Com criatividade Tati, que criou a empresa Ciclus, em Barcelona, desenvolve ainda outros acessórios de moda a partir de aberturas de latas de alumínio, ou peças para a casa como bases para tachos a partir de rolhas de cortiça. Para breve está uma colecção de acessórios feita a partir de embalagens de cartão para alimentos líquidos.



Na conta certa

Recusa-se a tomar banho de imersão para evitar o desperdício de água, mas passa mais tempo no chuveiro do que o necessário? Eco Drop é a solução. Trata-se de um piso que se coloca na banheira que, através de círculos concêntricos, afere a quantidade de água dispendida no duche. Quanto mais água cair no piso, mais os círculos se elevam, tornando-se desconfortáveis. Então, a mensagem é clara: é hora de terminar o banho.

Uma criação de Tommaso Colia.





Bola mágica

Composta por quatro tipos diferentes de cerâmicas naturais, a Ecobola Azul substitui o detergente na lavagem da roupa. Graças a um processo físico, a estrutura molecular da água é transformada, gerando iões negativos e raios infravermelhos que eliminam a sujidade da roupa. Basta colocar a bola no tambor da máquina e, para que não perca as propriedades, colocá-la ao sol uma vez por mês. À venda em farmácias e parafarmácias.

Foto Luís Piteira/AFFP



Chama de óleo

Mário Silva é o inventor de uma máquina que transforma óleo usado – de fritar batatas, croquetes, pastéis de bacalhau – em velas coloridas. E não, não cheiram a fritos, mas antes a Sea Lemons, Cozy Jasmine ou Spicy Orange, entre outros. Basta escolher o aroma preferido. As onique candles são vegetais e neutras em termos de emissões de carbono. A oon comercializa as velas, mas também a máquina, a candelmaker. Para fazer velas ecológicas em casa. Saiba mais em www.oonolutions.com.



Energia a duas rodas

No hotel Crowne Plaza Copenhagen Towers, na capital dinamarquesa, os hóspedes são convidados a descansar, mas também a pedalar para produzir energia. No ginásio existem bicicletas ligadas a um gerador de electricidade e quem originar no mínimo dez watts recebe uma refeição grátis no hotel. O desafio foi lançado no passado mês de Abril e prolonga-se, pelo menos, durante um ano.

Horas biodegradáveis

A marca italiana Altanus concebeu um relógio biodegradável em papel. Colorido, divertido e funcional, o modelo Patch é inspirado no papel mâché tão característico nas festas de carnaval de Viareggio. Com apenas 11 gramas, adapta-se naturalmente ao pulso. E ao ambiente.



Rato a corda

Não funciona a electricidade, nem a pilhas – basta dar corda a este rato wireless. A ideia é do designer industrial Ahmet Bektas. Na base o rato tem uma pequena chave que produz energia quando rodada.



ECO-EMPREENDEDORES

ISTO, SIM, É AMBIÇÃO

OS CARROS EM FIM DE VIDA JÁ NÃO FICAM ESQUECIDOS NA VIA PÚBLICA. CRIADA HÁ CINCO ANOS, A VALORCAR REVOLUCIONOU O SECTOR E JÁ DESMANTELOU MAIS DE 300 MIL CARROS.

Texto Ana Sofia Rodrigues

Fotos Filipe Pombo/AFFP



Após milhares
de quilómetros
no asfalto, os
automóveis em
fim de vida são
desmantelados e
reaproveitados nos
centros parceiros da
Valorcar



Sabia que se estiver a jogar futebol num campo de relvado sintético poderá estar a pisar os pneus do seu antigo automóvel? Graças à bem sucedida actividade dos centros de abate de veículos, é provável que isso aconteça. Segundo os últimos dados do Eurostat, referentes a 2008, Portugal obteve o oitavo lugar em reutilização/valorização de veículos em fim de vida (VFV). “Poucos sectores de actividade podem gabar-se de resultados tão positivos”, reconhece Ricardo Furtado, director-geral da Valorcar, entidade privada, sem fins lucrativos, responsável

pelo sistema integrado de gestão deste tipo de veículos.

RÁPIDO CRESCIMENTO

Longe vão os tempos em que o abandono de veículos na via pública era um flagelo nas cidades portuguesas. “As pessoas faziam-no por desconhecimento e incúria, mas também porque não havia alternativas”, diz Ricardo Furtado. O objectivo inicial da Valorcar foi a organização de uma rede nacional de centros de abate licenciados, onde os proprietários dos veículos os pudessem entregar gratuitamente, com a segurança de que seriam

desmantelados e tratados de forma ambientalmente correcta. Em 2005 começou com apenas três centros. Hoje já 68 empresas se associaram a esta rede, que assim tem presença em todos os distritos do país e nas regiões autónomas dos Açores e da Madeira. “Foi um salto qualitativo muito grande e rápido. Temos infra-estruturas ao nível das melhores da Europa”, orgulha-se o responsável da Valorcar. No passado dia 5 de Novembro, os centros de abate da rede ultrapassaram o valor histórico de 300.000 VFV desmantelados, representando um total de 264.954 toneladas de materiais diversos

ECO-ABATE

MAIS DE 87% DO PESO DE CADA VEÍCULO EM FIM DE VIDA É REUTILIZADO/VALORIZADO. SAIBA COMO:

VIDROS SÃO USADOS COMO MATÉRIA-PRIMA NA COMPOSIÇÃO DE PRODUTOS VIDRADOS, COMO LOIÇAS DE CASA DE BANHO

PNEUS O GRANULADO DE BORRACHA É UTILIZADO PARA RELVADOS SINTÉTICOS E PAVIMENTOS DE PARQUES INFANTIS

CATALISADOR O AÇO É USADO COMO MATÉRIA-PRIMA PARA O FABRICO DE VIGAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL



BATERIA O PLÁSTICO É USADO NO FABRICO DE TUBOS DE REGA E VASOS PARA PLANTAS

PÁRA-CHOQUES O PLÁSTICO É UTILIZADO NO FABRICO DE MOBILIÁRIO URBANO

ÓLEOS LUBRIFICANTES SÃO ENCAMINHADOS PARA VALORIZAÇÃO ENERGÉTICA EM CALDEIRAS INDUSTRIAIS

(metais, plásticos, vidros, pneus, óleos...). Deste conjunto, 211.963 toneladas foram enviadas para reutilização, reciclagem e valorização energética.

REVOLUÇÃO AMBIENTAL

A modernização do sector do abate foi desafiante. E a legislação rigorosa contribuiu para o sucesso da operação. Ricardo Furtado destaca como mais importantes as ambiciosas metas comunitárias de reciclagem e valorização, a pressão sobre os operadores não licenciados e a alteração da fiscalidade automóvel com o imposto único de circulação. E explica: “Uma pessoa que tenha um carro registado em seu nome tem de pagar o imposto anualmente até provar que vendeu o automóvel ou que o entregou para abate num centro licenciado”. Por esta razão os centros da rede Valorcar prestam o serviço gratuito de cancelamento dos registos de propriedade e matrícula, tarefa útil, muitas vezes desconhecida.

A evolução das preocupações ambientais foi das mais marcantes. Superando as metas comunitárias – 80% de reutilização/reciclagem e 85% de valorização – a rede Valorcar tem soluções para todos os componentes de valorização obrigatória. Além do metal e das peças aproveitam-se, por exemplo pneus, vidro, plástico dos pára-choques, catalisadores, combustível e óleos. “É gratificante ver que o sector percebeu que a forma como trabalhava não tinha futuro. Os empresários interiorizaram que podem retirar dos veículos a parte que lhes interessa do ponto de vista comercial, mas também tudo o que tem escoamento garantido para outras indústrias. Gerou-se uma dinâmica de cadeia de valor”, assume o director-geral da Valorcar. Por isso a prioridade a curto prazo é investir na área de investigação e desenvolvimento na procura de soluções para os materiais ainda



Ricardo Furtado, director-geral da Valorcar, congratula-se com os resultados alcançados pela rede, que já ultrapassam as metas comunitárias

sem alternativas de aproveitamento. Em 2015 a exigência das metas comunitárias sobe para 85% de reciclagem e 95% de valorização.

FUTURO DIVERSIFICADO

Com uma equipa muito reduzida – apenas três pessoas –, a Valorcar continua a diversificar a área de actuação. Desde 2009 que é a primeira empresa nacional licenciada como entidade gestora de baterias usadas, aproveitando, para tal, a sua rede, que já presta esse serviço. “Pretendemos alargar a nossa actividade à gestão global dos resíduos do sector automóvel, não só dos resíduos de fim de vida, mas também dos resultantes da manutenção e re-

paração”, revela Ricardo Furtado. A colaboração concertada com os próprios produtores de automóveis é uma das mais-valias conquistadas. Para breve estão previstas várias sessões de formação aos concessionários, canal de informação e divulgação muito importante junto do público. E objectivos de expansão? “Queremos crescer mais no interior, mas não pretendemos ter uma rede gigantesca porque se torna impossível de gerir”. Ricardo Furtado, aliás, orgulha-se: “Na rede Valorcar já estão incluídas as empresas de maior dimensão nacional”. E congratula-se com a revolução tecnológica que se vive no sector. **R**

ELE ERRA, MAS POUCO

PREOCUPADO COM O PLANETA, O ACTOR HEITOR LOURENÇO POUPA O MÁXIMO DE ENERGIA NO QUOTIDIANO E NUNCA SE ESQUECE DE RECICLAR PAPEL, VIDRO E PLÁSTICOS. O SEU GRANDE DESAFIO É ULTRAPASSAR O DESEJO POR CD E LIVROS, RÉSTIA DE CONSUMISMO PERDOÁVEL NUM VEGETARIANO INVETERADO.

Texto Sara Raquel Silva

Fotos Filipe Pombo/AFFP

Quando se aproximou do budismo há década e meia, o actor Heitor Lourenço compreendeu que no planeta tudo está correlacionado. Passou a estar mais atento ao que o rodeia e compreendeu que atitudes tomadas individualmente têm repercussões mais amplas. O chamado efeito borboleta.

“Meditar fez com que visse o mundo com outros olhos. Estou atento a tudo de forma mais global e mais consciente de cada acto que pratico”, diz. Foi então que deixou de comer carne e peixe. “Nessa época não tanto por razões éticas relativamente aos animais – o que actualmente já me sensibiliza –, mas porque percebi que o consumo de produtos de origem animal punha em causa o equilíbrio do nosso ecossistema”, recorda. O alastrar dos pastos, a desflorestação, as emissões de CO₂ decorrentes da criação de animais para consumo humano tornaram-se preocupações diárias. Ao mesmo tempo assumiu comportamentos ambientais mais responsáveis: usa detergentes ecológicos, prefere as escadas aos elevadores; não acende a luz da garagem; usa pilhas

recarregáveis, lâmpadas de baixo consumo e papel reciclado. E nunca desperdiça água, quer na cozinha, quer na casa de banho.

Sendo uma figura pública, o actor não tem pretensões de evangelizar o mundo. “Como consigo afirmar que sou eu o dono da verdade e que os restantes estão errados?”, interroga-se. Mas sempre que possível partilha com o grande público, através da comunicação social, as vantagens da alimentação vegetariana e do seu estilo de vida que, não sendo 100% exemplar, – “afinal uso carro e não transportes públicos”, admite – é um modelo para grande parte da população portuguesa.

Heitor recorda ainda uma viagem à Índia que o fez reconsiderar a pirâmide das necessidades impostas pela sociedade ocidental. “Quando vi tanta gente a viver com tão pouco, e alguns perfeitamente felizes, fiquei abalado”, confessa. “Regressei disposto a consumir muito menos”. Os seus pecados ambientais, por ora, são apenas cd e livros. Mas um dia resistirá. Espera. **R**



Heitor Lourenço preocupa-se com o equilíbrio do planeta. Por isso tornou-se vegetariano e recicla todos os materiais possíveis



LUZES MÁGICAS Heitor Lourenço optou há já alguns anos por usar apenas lâmpadas de baixo consumo. Não só poupa na factura ao final do mês, como reduz a pegada ambiental.



DETERGENTES BIO A louça é lavada com detergentes amigos do ambiente, quer à mão, quer à máquina. As águas residuais serão, assim, menos poluentes.



POUPAR ÁGUA Quando toma duche o actor recolhe a água fria que primeiro sai da torneira e usa-a como descarga sanitária.



MENOS É MAIS

Tanto quanto reciclar, reduzir o consumo é muito importante para o actor que usa pilhas recarregáveis. O ambiente agradece, pois todas as pilhas contêm químicos como cádmio, mercúrio ou lítio, altamente danosos para o ambiente e a saúde humana.





RECOLHA SELECTIVA Papel, plásticos e vidros são sempre separados e colocados nos ecopontos em frente a casa. Heitor Lourenço só lamenta a falta de civismo de algumas pessoas que despejam todo o tipo de lixo em redor destes pontos de recolha.

EXERCÍCIO ECO O actor prefere sempre as escadas ao elevador. Mesmo quando visita os pais que vivem num 4º andar. Poupa electricidade e melhora a condição física. Também reduziu o temporizador da iluminação do hall de entrada do prédio.



VEGETARIANO Preocupado com os desequilíbrios ambientais gerados pela criação de animais para consumo, Heitor rendeu-se ao vegetarianismo há mais de uma década. E privilegia produtos da época. Sente-se em paz com o planeta e ganhou em saúde.



LAZER SUSTENTÁVEL



A Grande Barreira
de Recifes de
Coral da Austrália
está em risco
devido à subida da
temperatura dos
oceanos

PARAÍSO PERDIDOS

O IMPACTO DA ACÇÃO HUMANA SOBRE O AMBIENTE TEM CONTRIBUÍDO PARA O DESAPARECIMENTO DE INÚMEROS ECOSISTEMAS E ESPÉCIES DE FLORA E FAUNA. AINDA TEMOS TEMPO PARA INVERTER ESTE CENÁRIO?

Texto Sara Raquel Silva

Fotos Corbis

Já imaginou o Índico sem as ilhas Maldivas, um safari em África sem elefantes, ou um mergulho na costa australiana sem a possibilidade de conhecer a Grande Barreira de Coral? Não esboce um sorriso incrédulo, pois estas entre outras situações improváveis estão, segundo os especialistas, prestes a ocorrer. O mundo é um organismo vivo em constante mutação e a humanidade tem contribuído activamente para acelerar esse processo. Mudanças demasiado

bruscas devido à poluição, aquecimento global e pressão populacional têm gerado desequilíbrios dramáticos, como por exemplo o degelo dos Pólos, que, entre outras consequências, levará à imersão de ilhas, muitas delas habitadas, criando um novo sub-grupo de refugiados: os do clima. Centenas de espécies animais com que partilhámos o planeta há milhões de anos, entre elas o golfinho-do-rio-chinês, o tigre-da-tasmânia ou o leão-do-cabo, já estão extintos. E a lista

das actuais espécies em perigo, elaborada anualmente pela International Union for Conservation of Nature (www.redlist.org), continua a engrossar. A flora também não está a salvo. Quase 90 espécies desapareceram nas últimas décadas, e plantas medicinais como a magnólia, utilizada na China para combater o cancro, ou o cacto hoo-dia, para suprimir o apetite, correm perigo, segundo a Botanic Gardens Conservation International (www.bgci.org). **R**

MARAVILHAS EM EXTINÇÃO

São paisagens que julgávamos eternas de tão majestosas, “países paraíso” ou simplesmente maravilhas com que a natureza nos brindou. São, também, tesouros a um passo de existirem apenas na memória de quem os visitou.

MALDIVAS

O arquipélago das Maldivas, com os seus recifes de coral, lagunas de águas cristalinas e praias a perder de vista é a imagem por excelência de um paraíso tropical. Pena que esteja prestes a submergir. Um muro de três metros já foi levantado para proteger a capital, Malé. Outra ilha, já submersa, foi recuperada por meio de um sistema mecânico de reposição de areias.

KIRIBATI

País da Micronésia formado por 33 atóis de coral, localizado no centro

do Oceano Pacífico, e habitado por cerca de 100.000 pessoas, encontra-se em estado de alerta. Prevê-se que dentro de 50 anos estas ilhas de sonho sejam engolidas pelo mar. As autoridades desenvolvem actualmente esforços para encontrar países dispostos a acolher os futuros desalojados que, em princípio, serão recebidos pela Indonésia.

TUVALU

Uma das mais pequenas nações do mundo, composta por nove atóis no Pacífico Central, logo abaixo

da linha do Equador, entre Kiribati e as Ilhas Fiji, Tuvalu tem os dias contados, porque grande parte do território não se encontra a mais de 2 metros acima do nível do mar. Basta uma vaga de 3 metros para inundar o aeroporto e prejudicar as plantações locais. Parte da população já começou a emigrar.

GRANDE BARREIRA DE CORAL

Prevê-se que uma das mais belas paisagens que a humanidade alguma vez contemplou, a Grande Barreira de Coral da Austrália, estará praticamente destruída em 2050. É que os corais – os mais importantes organismos do ecossistema marinho, devido à quantidade de seres vivos que albergam – são extraordinariamente sensíveis. Por vezes, basta o aumento de um



Se a desflorestação da Amazônia continuar ao ritmo actual, libertará de 55,5 a 96,9 bilhões de toneladas de CO₂ nas próximas décadas

grau Celsius para a sua morte. E admite-se que nos próximos anos as temperaturas do mar possam subir cerca de 6°C.

AMAZÔNIA

A floresta amazónica constitui um dos maiores paraísos naturais da Terra e “ajuda-a” a respirar. É habitat de espécies excepcionais de fauna e flora, e comporta 15% de toda a água doce da Terra.

Apesar da sua extrema importância para o equilíbrio do planeta, enfrenta graves ameaças. A exploração desordenada do subsolo, a degradação, o desbravamento das matas por parte da indústria madeireira, as queimadas, a caça e a venda ilegal de animais engrossam a lista de espécies animais em perigo de extinção. O

World Wild Fund (WWF) estima que a desflorestação, a continuar neste ritmo, poderá libertar entre 55,5 e 96,9 bilhões de toneladas de CO₂ nas próximas décadas. Por outro lado, devido à sua redução, esta imensa floresta deixará de “arrefecer” o planeta, como tem feito até agora, e as chuvas diminuirão 10%.

ÁRTICO

O Ártico poderá estar totalmente transformado em água entre 2060 e 2100, devido aos raios ultravioleta que perfuram a atmosfera. O estudo foi realizado pelo WWF e contou com a participação de cerca de 250 cientistas. Também o Climate Impact Assessment concluiu que o aquecimento que afecta o Ártico é duas vezes su-

perior ao do resto do planeta. As regiões mais a norte do Canadá e da Rússia já vivem com temperaturas 4°C acima dos registados há 50 anos, e dentro de um século quase não haverá gelo naquela região durante o Verão. Resultado: as espécies base da alimentação tradicional naquelas regiões perderão o seu habitat. Prevê-se que o urso polar possa desaparecer nos próximos 100 anos, assim como as renas, os lobos e milhares de aves migratórias.

Também a construção de estradas e portos e a exploração de minas e jazidas de petróleo ameaçam o equilíbrio ecológico da região. O actual ritmo de desenvolvimento culminará num processo de industrialização de 80% da região até 2050, contra os 15% actuais. **R**

VIDA ANIMAL MAIS POBRE

Poluição, introdução de espécies exóticas, alterações climáticas ou catástrofes naturais mudam habitats e destroem ecossistemas. O resultado é o risco de extinção de várias espécies vegetais e animais. Será que os nossos netos falarão os elefantes como nós dos mamutes? A IUCN (International Union for Conservation of Nature), em conjunto com outras entidades ambientais, elaborou uma lista com as espécies animais mais ameaçadas no planeta.

BALEIA-AZUL

É o maior animal existente no planeta, mas a matança de que foi alvo no início do século passado colocou a espécie em perigo. A actual população mundial de baleias-azuis é estimada entre três mil e quatro mil, duas mil concentradas na costa californiana.

ORANGOTANGO

A ocupação humana das florestas de Sumatra e Bornéu colocou os orangotangos na lista de animais ameaçados de extinção. Segundo os cientistas, restam pouco mais de 100.000 no mundo. Tendo em conta o rápido ritmo de devastação do seu habitat, os especialistas prevêem que a extinção da espécie ocorrerá em poucas décadas.

PANDA-GIGANTE

É um dos mais queridos animais do mundo, mas estima-se que existam apenas cerca de 1.600, na China. O número decrescente de exemplares deve-se à caça ilegal e à fragmentação do seu habitat.

LOBO-IBÉRICO

Outrora bastante comum, esta sub-espécie do lobo só existe em Portugal e Espanha. Embora os números não sejam consensuais, julga-se que não há mais de 450 exemplares no nosso país – quase todos acima do Douro – devido à depredação do seu habitat, caça e escassez de alimento.

A LISTA DE ESPÉCIES ANIMAIS E VEGETAIS EM RISCO DE EXTINÇÃO JÁ É LONGA. O PLANETA FICARÁ MAIS POBRE

ÁGUIA-IMPERIAL-IBÉRICA

Esta espécie nidifica apenas na Península Ibérica e Norte de Marrocos. Os habitats principais da águia-imperial-ibérica são os montados de azinho e sobro, áreas de pasto ou cereal e zonas de mato. A diminuição da sua presa principal, o coelho, e a fragmentação do seu habitat preferencial são os factores de risco. **R**

COMO AJUDAR A PRESERVAÇÃO DE PLANTAS E ANIMAIS?

Visite apenas parques e reservas naturais que respeitem os animais.

Obedeça aos códigos da vida selvagem: nunca recolha flores, ovos de aves ou qualquer tipo de arbusto; coloque o lixo nos recipientes próprios. Nas regiões costeiras evite recolher qualquer tipo de concha ou coral.

Quando viajar opte, sempre que possível, por transportes menos poluentes, como o comboio, ou partilhe o automóvel com amigos.

Se se deslocar ao estrangeiro não transporte consigo espécies vegetais, pois poderão provocar alterações nos ecossistemas do país de destino, nem compre animais exóticos. A maioria é retirada do seu habitat natural ilegalmente e não resiste à mudança.

Nunca alimente os animais residentes em parques naturais ou reservas.

Quando planear uma viagem opte por unidades hoteleiras e agências que evidenciem preocupações ecológicas, tais como utilização de energia solar, reutilização de águas residuais para a rega de relvados e jardins, e reciclagem de papel, plásticos, vidros e pilhas.

Para saber mais:

www.redlist.org, www.iucn.org
www.ifaw.org
www.endangeredspecies.com

O panda-gigante
está a desaparecer
devido à caça ilegal
e à fragmentação
do seu habitat





AVES E ANFÍBIOS À LUPA

Os amantes da natureza têm à disposição três novos livros sobre a fauna nacional: *Aves de Portugal – Ornitologia do território continental*, de Paulo Catry, Hélder Costa, Gonçalo Elias e Rafael Matias, *Anfíbios de Portugal – Guia Fotográfico Quercus*, de Armando Caldas, e *Aves dos Açores*, de Carlos Pereira. O primeiro, com a chancela da Assírio e Alvim, “é o resultado de décadas de experiência de campo dos autores e de uma pesquisa dirigida de mais de 10 anos”. O segundo, disponível através do site da associação ambientalista Quercus, reúne fotografias obtidas na natureza e revela os segredos da biologia e ecologia das espécies portuguesas pertencentes a este grupo de animais tão ameaçado. O terceiro, publicado pela Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA), conta com as ilustrações de João Tiago Tavares e Pedro Fernandes para descrever as espécies e sub-espécies nidificantes no arquipélago, e indica os melhores locais para observá-las.

Para viagens reais e virtuais

Mais de 150 mil áreas protegidas estão à distância de um clique, e num único site (protectedplanet.net). Objectivo? Aumentar o número de visitas destes locais e gerar receitas que serão aplicadas na sua conservação. Os internautas podem contribuir com informações sobre as zonas mencionadas. A iniciativa é do Programa Ambiental das Nações Unidas e conta com a colaboração da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN). Se planeia ir para fora cá dentro saiba que o site apresenta 213 áreas protegidas portuguesas.

Primeiro mercado biológico online

Chama-se B-OnMarket, é português e, segundo os responsáveis, é o primeiro mercado biológico online do planeta. Aqui encontra secções de alimentos, artesanato e decoração, serviços, utilidades e tecnologias, saúde e beleza, cultura e lazer, emprego, e tudo de origem biológica ou de concepção sustentável. Além da venda, o site também promove a troca de produtos caseiros provenientes de hortas urbanas e de quintais. O registo e utilização dos serviços são gratuitos.



O sexo explicado aos mais novos

“Sexo... e então?!” é a mais recente exposição interactiva do Pavilhão do Conhecimento, em Lisboa. “Tratar a sexualidade é também ocasião para promover a igualdade entre os sexos, transmitir aos adolescentes uma percepção positiva do amor e da sexualidade, e promover valores fundamentais nas sociedades modernas, como o mútuo consentimento e o respeito”, lê-se no site do Pavilhão do Conhecimento. Sem tabus, a exposição aborda de forma pedagógica e divertida questões como as transformações no corpo dos rapazes e raparigas na idade do armário, os vários tipos de beijos e a função dos preservativos. A exposição destina-se a pré-adolescentes, dos 9 aos 14 anos, e está patente até 28 de Agosto de 2011.



eu já fui
uma lata
de sardinhas



Reciclar o metal é dar uma nova vida às suas embalagens.

Sabia que uma lata reciclada pode dar origem às mais diversas ferramentas?

Hoje, quando reciclamos as suas latas vazias estamos também a poupar matérias-primas e energia. Sabendo que o metal das embalagens pode ser infinitamente reciclado, imagine a quantidade de objectos úteis que podem ser criados todas as semanas. Quem diria que a lata de feijões que colocou há meses no ecoponto pode fazer parte do sinal de trânsito que tem à porta de casa?! É verdade. E é tão simples: você dá as embalagens de metal que já não precisa e todos ganhamos uma vida mais completa. Obrigado por colocar todas as embalagens de plástico, metal e embalagens de cartão para bebidas no Ecoponto Amarelo.



eu já fui
um boião
de iogurte light



Reciclar o vidro é dar uma nova vida às suas embalagens.

Sabia que o vidro reciclado não perde as suas qualidades? Hoje, com as suas garrafas e outras embalagens de vidro obtemos material para novas embalagens. Já para não falar na energia que se poupa. Quem diria que a garrafa de champanhe que ofereceu no último Natal pode ser a garrafa de vinho branco que tem agora no frigorífico?! É verdade. E é tão simples: você dá os frascos e garrafas vazias e todos ganhamos uma vida mais cheia. Obrigado por colocar todas as embalagens de vidro no Ecoponto Verde.

